

Dante Alighieri e a construção da língua italiana nos séculos XIII e XIV
Linguistic contact in the Italian region of the 13th and 14th centuries: Dante Alighieri for
an Italian language project

Jefferson Evaristo¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: No contexto sociolinguístico medieval, o florentino vinha desde o trecento italiano despontado como língua de uso comum no território da península itálica, começando entre os séculos XIII e XIV um processo de consolidação e expansão. Cooperaram para tanto a atuação de literatos como Dante, que, a seu modo, deu o impulso que o florentino precisava para expandir-se. Nossa investigação concentrou-se na hipótese de serem os eventos descritos o início de uma unificação linguística da Itália. Nossos resultados apontam para um processo gradual e permanente que faria do florentino, já desde o século XIV, a língua italiana de uso amplo e comum.

Palavras-chave: Língua italiana. História da língua italiana. Contato linguístico. Políticas linguísticas.

Abstract: In the medieval sociolinguistic context, Florentine came from the Italian trecento emerged as a language of common use in the territory of the Italian peninsula, beginning between the 13th and 14th centuries a process of consolidation and expansion. The work of literati such as Dante, who, in his own way, provided the impetus that the Florentine needed to expand was cooperating in this regard. Our investigation focused on the hypothesis that the events described were the beginning of a linguistic unification of Italy. Our results point to a gradual and permanent process that would make the Florentine, since the 14th century, the Italian language of wide and common use.

Keywords: Italian language. History of the Italian language. Language contact. Language policies.

1. Introdução²

A realidade linguística do que hoje chamamos de Itália é, sob muitos aspectos, um campo fértil e produtivo de investigação e pesquisa linguística, social, histórica e política. Com características singulares no que diz respeito à situação linguística e à história da “língua italiana”

¹ Pós-doutor em Língua Portuguesa pela UPM (2023), doutor em Língua Portuguesa pela UERJ (2020) e doutor em Letras Neolatinas (língua italiana) pela UFRJ (2019). Professor de língua portuguesa na UERJ, atuando no PPGLILP e no PPLIN/FFP. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Procientista da UERJ.

E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br.

² Este texto foi publicado, inicialmente, em 2024, no livro “A variação linguística em debate: diálogos multidisciplinares”, organizado por Leandra Cristina de Oliveira e Wagner Monteiro junto à Editora Pontes.

– ou daquilo que se convencionou chamar “língua italiana” –, o *bel paese*, ainda hoje, propicia investigações novas e relevantes para os estudos linguísticos, com destaque para o campo das chamadas “línguas e culturas em contato”, para a história da língua e para a sociolinguística.

Nessas áreas, portanto, especificamente, a Itália oferece um corpus relevante para investigações linguísticas. Multifacetada, plurilíngue e multicultural, é preciso observá-la atentamente. Especificamente, aqui, abordaremos eventos anteriores ao processo de unificação da língua italiana (século XIX) que foram relevantes para a compreensão do fenômeno. Ao mesmo tempo, convém ressaltar que existem outras obras que já se debruçaram sobre o processo da unificação italiana, como as escritas por Migliorini (2016), Cella (2015), De Mauro (2011), Serianni (2015), Marazzini (2012), Lanuzza (1994) e outros (sócio)linguistas e historiadores italianos. Suas obras, de relevância indiscutível, não respondem a uma pergunta fundamental: “de que coisa se ocupa a história da língua?”³ (SERIANNI, 2015, p. 3). Dito de outra forma, e de maneira mais aprofundada, ainda que se discutam os objetivos de descrição da história de uma língua, permanece uma questão fundamental: sob qual perspectiva esse estudo será realizado?

É o ponto em que este texto se distancia daqueles já escritos pelos autores consagrados citados anteriormente. Todos eles, de maneira direta e/ou indireta, abordam a unificação da língua italiana e a sua história numa perspectiva descritivo-filológica, apontando as modificações ocorridas quando da “passagem” do latim para o italiano ou as questões estruturais do sistema linguístico (como a morfologia, sintaxe, fonética e fonologia, por exemplo). Uma discussão sobre as políticas linguísticas – compreendidas aqui como ações de gestão, organização e/ou implementação de decisões sociolinguísticas –, por exemplo, é sempre negligenciada, ao passo em que aquelas sobre a história social do italiano, com a consequente inter-relação com os aspectos linguísticos, são inferiorizadas. Fato semelhante acontece quando tomamos como prisma o contato linguístico (BERRUTTO, 2018; AVOLIO, 2017; FARACO, 2016; HICKEY, 2013; MUFWENE, 2001; THOMASON, 2001), uma vez que a língua italiana (dita) standard apaga as outras línguas/dialetos⁴ existentes na região (SILVA, GULLO e GENOVA, 2018). Não há,

³ “Di che cosa si occupa la storia della lingua?” (tradução nossa).

⁴ A discussão sobre o uso dos termos “língua” ou “dialeto” é extensa e, por vezes, somente político-ideológica, independente da escolha. Em verdade, não há nenhum critério linguístico-científico para a definição de um possível dialeto, motivo pelo qual a distinção se torna ainda mais fluida. À parte das críticas que o termo “dialeto” recebe (LAGARES, 2011; BAGNO, 2011) como sendo pejorativo, empobrecedor, colonialista e reducionista, autores

portanto, uma discussão sobre “contato”, uma vez que a situação é de conflito, colonização, apagamento e silenciamento.

No âmbito teórico, nosso trabalho se insere ainda na perspectiva da historiografia da linguística (BATISTA 2019; 2013; HACKEROTT, 2013) e da história social da linguagem (BURKE; PORTER, 1997; FENELON, 1994), bem como encontra amparo na história social da língua italiana (CELLA, 2015; DE MAURO, 2011; TRIFONE, 2010).

O presente texto abordará uma das facetas desse desenvolvimento histórico que culminaria no que hoje é conhecido como língua italiana standard, mostrando parte dos fenômenos que, somados, possibilitaram a assunção desse idioma na região que, atualmente, corresponde à Itália. Aqui, abordaremos o projeto político-linguístico de Dante Alighieri para a formação do idioma e de como ele era, em sua maioria, uma discussão sobre políticas linguísticas e contato linguístico já acontecendo nos séculos XIII e XIV, período cronologicamente bastante anterior às atuais discussões sobre esses conceitos.

2. Dante Alighieri por um projeto de língua italiana

«Trecento’ significa ‘século XIV’; mas o sentido literário da palavra não coincide completamente com o cronológico» (CARPEAUX, 2012, p. 122), ultrapassando um pouco os limites desse século. Após a experiência romana acerca da unidade existente entre dominação político-territorial e dominação linguística⁵, com os literatos⁶, a discussão sobre uma unificação

consagrados – como Carlos Alberto Faraco (2006) e Rodolfo Ilari (2018) – o utilizam frequentemente. Para os autores italiano, o termo “dialeto” é o mais utilizado (BALBONI, 2002). Alguns preferem o termo “línguas regionais” (GONÇALVES, 2011, p. 163). Para Bagno, dentro do contexto italiano, na prática, dialeto é “qualquer forma de falar que não seja a língua italiana” (2011, p. 378). Aqui, ainda que conhecedores das críticas para o termo “dialeto”, o utilizaremos, já que os principais autores que discutimos utilizam o termo e que, no contexto italiano, dialeto é a palavra corrente.

⁵ O argumento não será aprofundado aqui devido ao escopo deste texto. Aos interessados, sugerimos a leitura de Ilari (2018), Migliorini (2016), Janson (2015), Trifone (2010) e Veyne (2009), para citar alguns.

⁶ Na idade média, “intelectual” ainda não era um termo comum, o que passa a acontecer após o iluminismo. “Literato” era o termo mais comum, ao passo que “pensadores” é o termo do mundo antigo. Le Goff (1980) vai dizer que o literato da Idade Média correspondia ao próprio *clericus*, o clérigo da Igreja Católica, uma vez que era ele o

linguística como premissa da unidade territorial e política retorna. Chegamos então, a Dante Alighieri.

A Dante devemos, por certo, o início daquilo que viria a ser entendido como língua italiana. Se, ao contrário de Castagnola (1961), podemos falar em uma origem da língua italiana, ao menos política e culturalmente, falaremos de Dante. Ora, não desconsideramos que antes de Dante aquilo que ele chamava de “língua italiana” – o sistema estrutural de que nos falam Saussure, Chomsky e muitos outros – era algo já existente. Desconsiderar isso seria acreditar e dizer que, *ex novo*, Dante tenha criado um sistema de códigos e signos estruturados e que, dali em diante, toda uma região tenha passado a utilizá-lo e a difundi-lo. Seria, para dizer o mínimo, uma tolice.

O episódio em Dante a que fazemos referência é o de empreender que um sistema linguístico que já existia – o toscano de sua região – passasse a ser tido como a língua de toda a nação⁷⁸, suplantando outros modelos linguísticos em favorecimento de si mesmo.

Pode-se sustentar que a história de uma língua não seja outra coisa senão uma particular declinação da história geral, da mesma maneira que a história da arte ou das instituições sociais. Com efeito, [...] são muitos os temas pertencentes à história linguística externa que interpelam o histórico da língua⁹ (SERIANNI, 2015, p. 111)

Em sua época, Dante era uma figura ilustre no cenário político e intelectual.

Nasceu em Florença entre 15 de maio e 15 de junho de 1265 e morreu em Ravena em 15 de setembro de 1321. Ele não era apenas um grande poeta, mas

conhecedor do latim, homem erudito e versado nos estudos. A noção, entretanto, reduz nossa perspectiva para o período, já que Dante, por exemplo, era um literato, embora não fosse um *clericus*.

⁷ Uma nação que, como vimos, ainda não existia. A nova língua seria, dentre outras coisas, um dos germes que possibilitaria o surgimento da nação.

⁸ A bem da verdade, ao fim e ao cabo, o próprio conceito de nação aqui ainda não seria aplicável, uma vez que será apenas no século XIX que a dimensão de nação vai passar a ser a conceituação do fenômeno (ANDERSEN, 2008). Na ausência de uma palavra que se adeque perfeitamente ao contexto da época e ao nosso, optamos por usar nação.

⁹ “Si può sostenere che la storia di una lingua altro non sia che una particolare declinazione della storia generale, alla stregua della storia dell’arte o delle istituzioni sociali. In effetti, [...] sono molti i temi appartenenti alla storia linguistica esterna che interpellano lo storico della lingua” (tradução nossa).

também um homem de cultura excepcional, tanto que ele sabia refletir todo conhecimento e consciência moral e religiosa do seu tempo¹⁰ (COELHO, 2005, p. 80).

Tendo sua primeira obra, *Vita Nuova* publicada ainda em 1294¹¹, Dante sempre esteve presente nas discussões políticas, intelectuais e sociais de sua época. De origem nobre, desde cedo foi educado na escola da alta cultura europeia, tendo acesso não simplesmente a uma alfabetização, mas a uma verdadeira formação intelectual: possuía estudos nas áreas de línguas, literatura, política, economia e religião, para citar alguns de seus conhecimentos. Em sua vida adulta, já inserido na política, entra em conflito com o papa da época, Bonifácio VIII; condenado ao exílio em 1302, retorna à região apenas em 1311, alguns anos antes de sua morte¹². O motivo de seu exílio: Dante defendia uma menor intervenção da Igreja e do papa na vida política e social de *Firenze*, Florença.

Para o autor, a Igreja não deveria exercer ao mesmo tempo o poder temporal e espiritual, sujeitando a sociedade à sua ingerência. Sua discussão baseava-se na soberania da sociedade e da organização política em relação aos poderes da Igreja, pensamento que seria também a base para a fundação dos futuros estados nacionais (GUIMARÃES, 2012). Uma discussão antecipada por Dante em aproximadamente cinco séculos. Tal exemplo é propício para demonstrar como, para ele, o pensamento político e social era importante, ao mesmo tempo em que demonstra a sua participação nessas mesmas discussões do período.

O homem cujo grito deveria transpor os séculos e trazer até nós o testemunho dessa civilização, encontrou-se, como todos os criadores, no eixo de seu tempo, com uma parte do seu ser fortemente enraizada no passado e a outra audaciosamente voltada para o futuro. Da sua obra sairá uma língua, uma das mais perfeitas entre essas línguas nacionais que então aspiravam a desabrochar (DANIEL-ROPS, 2014a, p. 668-669).

¹⁰ “Nato a Firenze tra il 15 maggio e il 15 giugno del 1265 e morto a Ravenna il 15 settembre del 1321, fu non solo un grandissimo poeta, ma fu anche un uomo di cultura eccezionale, tanto che seppe riflettere in sé tutto il sapere e la coscienza morale e religiosa del suo tempo” (tradução nossa).

¹¹ Data aproximada.

¹² A afirmação é controversa, uma vez que há historiadores que afirmam que Dante morreu no exílio.

Para o autor, embora criado em um ambiente de intensa atividade intelectual e política – o que pressupunha, invariavelmente, o uso do latim –, as diferentes línguas faladas na Itália também tinham o seu valor, muito embora não tivessem efetivamente prestígio. Eram as línguas vulgares, faladas pelo povo, sem ser a língua latina. O termo *volgare*, portanto, no contexto italiano, diz respeito a qualquer língua que não seja a língua latina. Posteriormente, como veremos, o termo *volgare* assumirá um caráter restritivo a uma dessas línguas em específico.

Portanto, os diferentes *volgari* de sua época, falas populares, “vulgares”, estavam excluídos das atividades de cultura e administração, sendo segregados a uma posição inferiorizada, “minorizada” (LAGARES, 2011, p. 170). Eram, por assim dizer, “sublínguas”, expressão de um povo que não era alfabetizado no latim, não conhecia a língua na qual os grandes como Cícero, Horácio e Virgílio foram imortalizados. Língua de pessoas simples, distanciadas das instâncias da intelectualidade, sendo vistas com frequência como a forma própria de comunicação de povos tidos como selvagens (BAGNO, 2011, p. 380-381).

Demonstrando um conhecimento linguístico bastante avançado para sua época (ECO, 2001, p. 55), reconhecia comparativamente nos *volgari* línguas que possuíam em si mesmas todas as condições que eram necessárias para fazer parte da vida intelectual e política da população. Em Dante, já no trecento, uma discussão sociolinguística e de política linguística pode ser encontrada, tendo relativa complexidade.

Assim como Dante reconhecia na atuação da Igreja uma ingerência desnecessária e criticável nos costumes de sua região, reconhecia também o que considerava uma influência indevida do latim nos usos linguísticos de sua época. Por estar habituado à língua de Cícero, nosso autor florentino possuía o conhecimento e as credenciais de alguém que poderia criticá-lo. Por estar inserido naquele universo, Dante poderia tecer suas reflexões e críticas de maneira abalizada, consciente. No cenário, estava em posição de cumprir três exigências necessárias para que sua voz fosse ouvida: a primeira, a de conhecer a língua e poder bem se expressar nela; a segunda, a de ser um homem da intelectualidade; a terceira, a de conhecer os meandros políticos que seu intento requereria. Era, se se pode dizer, o homem certo para propor a discussão que propôs.

Essa discussão começa, a bem da verdade, em *Convivio*, uma obra sua de divulgação cultural escrita entre os anos de 1304 e 1307. Nela, é possível identificar algumas das ideias do autor em relação a como, para atingir maior público, ser legível e fazer um bem maior, seria necessário escrever em *volgare*

1. Quando se mostram, por razões suficientes, que, para cessar a descontinuidade e a desordem, conviria às nominadas canções abrir e mostrar comentários em *volgare* e não em latim, eu quero mostrar como a liberalidade me fez eleger um e o outro deixar.
2. Pudesse, portanto, a própria liberalidade em três coisas ser notada, as quais continuam em *volgare*, e o latim não teria continuado. A primeira é dar a muitos; a segundo é dar coisas úteis; a terceiro é, sem pedir o dom, poder dá-lo.
3. Que dar a um e beneficiar a um é bom; mas dar a muitos e beneficiar a muitos é melhor, em quanto se assemelha aos benefícios de Deus, que é um benfeitor muito universal¹³ (ALIGHIERI, 1986, Capítulo VIII).

Desse pensamento, surge o seu *De vulgari eloquentia*, um tratado linguístico, mas, ao mesmo tempo, político e filosófico, no qual defendia os usos de uma língua que fosse factível ao povo considerando suas particularidades geográficas, rechaçando o favorecimento da língua latina como única língua geral e de prestígio. Os quatro livros de seu *De Vulgari Eloquentia*, escritos em latim, tinham um propósito bastante claro: dar as características daquele que deve ser o *volgare* eleito pelos italianos.

O De vulgari eloquentia foi escrito já nas primeiras décadas do trecento, logo após a escrita de um outro livro do autor, *Convivio*, em que trata específica e aprofundadamente de

¹³ “1. Quando è mostrato per le sufficienti ragioni come, per cessare disconvenevoli disordinamenti, converrebbe, [a le] nominate canzoni aprire e mostrare, comento volgare e nonlatino, mostrare intendo come ancora pronta liberalitate mi fece questo eleggere e l’altro lasciare.

2. Puotesi adunque la pronta liberalitate in tre cose notare, le quali seguitano questo volgare, e lo latino non averebbeno seguitato. La prima è dare a molti; la seconda è dare utili cose; la terza è, senza essere domandato lo dono, dare quello.

3. Chè dare a uno e giovare a uno è bene; ma dare a molti e giovare a molti è pronto bene, in quanto prende somiglianza da li benefici di Dio, che è universalissimo benefattore.” (tradução nossa).

questões linguísticas, numa espécie de introdução ao livro posterior. Para o primeiro livro, o autor escreve em língua vulgar, defendendo o seu uso como língua. Para o segundo, mais importante e conhecido que o primeiro, o autor escolhe escrever em latim, embora faça igualmente uma defesa explícita do uso dos vulgares. “Apesar de ser uma apologia da língua vernácula, o tratado *De vulgari eloquentia* foi escrito em latim. Enquanto poeta, Dante escreve em vernáculo, mas enquanto pensador (...) e homem político” (ECO, 2001, p. 57), escreve em latim. “A escolha do latim deu-se por ser um texto dirigido a intelectuais e o latim ser a língua literária à época” (GONÇALVES, 2011, p. 154)

As afirmações de Eco e Gonçalves nos fazem refletir acerca do fato. Em *Convivio*, Dante escreve em língua vulgar porque desejava que seu livro tivesse ampla divulgação e leitura (COELHO, 2005, p. 85), mas seu livro não recebe tanta atenção¹⁴, tendo sua leitura restrita aos ambientes em que o seu próprio vulgar circulava. Se o florentino/toscano não era o *volgare* de outras regiões, então naturalmente explica-se o motivo de seu livro não ter sido lido por um grande público. Dante confirmava, por experiência própria, os argumentos que o impeliam a defender os *vulgari* e uma língua unificada. Apesar de o latim já servir como essa língua unificada, ele não expressava uma “nacionalidade” italiana, nem era de conhecimento geral da população italiana¹⁵. Para ele, contudo, havia condições próprias para que uma língua fosse unitária, ao que retornaremos adiante.

Todavia, não nos esqueçamos: Dante era, tanto quanto um literato, um homem político (ECO, 2001, p. 57). Consciente da experiência que a escrita de *Convivio* lhe possibilitou, o autor decide modificar sua estratégia. Agora, em *De vulgari eloquentia*, o autor decide escrever em língua latina, buscando atingir um público-alvo específico: aqueles que, tais como ele, eram literatos, versados no latim e interessados naquele tipo de discussão. Uma discussão já introduzida na primeira página de sua obra, quando o autor começa a descrever as diferenças entre uma língua “gramatical”, “*artificialmente construída*” (ALBANESE e ALBANESE, 1986, p. 3) – a língua literária e artística – e a língua de conhecimento de todos, sem nomes, língua comum, aprendida desde os primeiros momentos da vida. Em *Convivio*, dizia o autor que o latim

¹⁴ O que poderia, a princípio, demonstrar que a língua não era de uso ampliado, mas demonstra, como veremos, uma desvalorização do *volgare*.

¹⁵ Conceitos que poderiam ser discutíveis, mas que não aprofundaremos por não ser nosso objetivo.

não tinha utilização com tantos como o vulgar tinha, demonstrando sua defesa de serem os *volgari*, não o latim, a língua que mais atingia o povo, de maneira geral.

Serão o *Convívio* e o *De Vulgari Eloquentia*, de Dante Alighieri, a propor o projeto de uma língua comum com a qual os intelectuais¹⁶ daquele território poderiam alcançar outros públicos que não somente os mesmos literatos italianos conhecedores do latim clássico (BRITO, 2018, p. 89).

O curioso aqui será o fato de, posteriormente, o autor defender que não seria o *volgare* falado – o que, obviamente, era o que atingia a população –, mas o *volgare* literário que deveria ser assumido como modelo linguístico.

Como afirmamos anteriormente e pretendemos destacar, desde o trecento já é possível encontrar entre os literatos as “sementes” de um pensamento de unidade política e linguística para a região da futura Itália que passa, necessariamente, por um contexto de contato linguístico.

Na medida em que a Itália havia participado da vida de outros países europeus, na tradição cultural italiana, de Alighieri a Vico e a Muratori, ou seja, antes mesmo do *risorgimento*, era já bem presente a ideia de que a língua fosse símbolo da nação¹⁷ e que a adesão às suas normas fosse testemunho de nacionalidade (DE MAURO, 2011, p. 4)¹⁸

De todos esses literatos supracitados, Dante foi, sem dúvidas, o nome mais importante. Certamente, porém, não foi o único.

3. A percepção sociolinguística de Dante Alighieri: o contato linguístico da região itálica

¹⁶ O autor usa o termo intelectual para o que, aqui, chamamos de literato.

¹⁷ O conceito de De Mauro, aqui, parece anacrônico, uma vez que a “nação italiana” ainda não existia.

¹⁸ “Nella misura in cui l’Italia aveva partecipato alla vita degli altri paesi europei, nella tradizione culturale italiana, dall’Alighieri al Vico e al Muratori, ossia già prima del risorgimento, era stata ben presente l’idea che la lingua fosse simbolo della nazione e che l’adesione alle sue norme fosse testimonianza di nazionalità” (tradução nossa).

Com o caminho linguístico aberto pelas duas obras mencionadas do autor, sua obra-prima, a *Commedia*, ganharia espaço. A discussão linguística e a defesa política dos dialetos já haviam sido feitas, os pensadores da época já possuíam contato com suas ideias e os pressupostos de defesa dos *volgari* já estavam postos. Agora, era possível criar uma nova língua comum, que pudesse ser a língua de todos, em lugar do latim. Não obstante, uma nova língua literária.

Dessa maneira, a aceitação de sua *Commedia* que, depois, por mérito e importância, passaria a ser conhecida como “Divina”¹⁹, é maior do que a de *Convivio*. Estavam criadas as bases para que o florentino fosse elevado à condição de língua de uso culto.

Já no *De Vulgari Eloquentia*, Dante elencava aqueles que, para ele, eram os falares vulgares existentes na região itálica. Dividindo o espaço por critérios geográficos, enumerava quatorze falares diferentes (GONÇALVES, 2011, p. 155)²⁰, demonstrando como e de que forma cada um deles estava relacionado com o latim e com a possibilidade de assumir a posição de língua comum de todos, além de propor uma discussão identitária baseada nas línguas. Ao mesmo tempo em que demonstrava, para a época, uma extraordinária compreensão da variação diatópica – sua divisão partia da compreensão geográfica da disposição das línguas –, “se levarmos em consideração que a disciplina filológica será criada muito depois de Dante, sua organização e clareza são consideráveis” (GONÇALVES, 2011, p. 156)²¹. Quando consideramos a dimensão identitária das línguas, vemos o quanto as discussões de Dante estavam realmente avançadas para seu período histórico.

Assim, percorrendo sobre os quatorze²² falares da região, Dante começa a buscar aquele que poderia ser o principal deles, uma nova língua literária que pudesse ser assumida amplamente pelo povo. Elenca, então, as características da “língua perfeita” (ECO, 2001, p. 55) que buscava:

¹⁹ Cognome atribuído por Boccaccio à obra de Dante.

²⁰ Citando textualmente Dante, a autora os enumera (GONÇALVES, 2011, p. 155-156): as línguas dos sículos, apulianos, romanos, espoletinos, toscanos, genoveses, sardos, calabreses, anconitanos, romanholos, lombardos, trevisanos/venezianos, aquilenses, istrianos.

²¹ Tradicionalmente, considera-se que a Filologia enquanto ciência foi criada no início do século XIX, graças aos alemães Bopp e Grimm. A autora refere-se à datação da noção de ciência conferida à Filologia.

²² Convém ressaltar que o autor afirma que existiriam “ao menos” quatorze falares, não reduzindo toda a diversidade linguística da região a tal número, mas afirmando que aqueles eram os falares que ele reconhecia no momento.

o vulgar ideal para Dante seria “unitário” e orgânico em relação à fragmentação dos dialetos; “ilustre”, porque poderia dar glória àqueles que o soubessem usar; “cardinal”, porque em torno dele deveriam girar, como ao redor de um cardinal, todos os outros falares regionais; “áulico”, porque se a Itália possuísse alguma corte, seria a única língua possível de ser falada nela; “estatal”²³, porque “estatalidade” significa a norma do agir humano segundo a razão e a lei sobre a qual o Estado age. (ALBANESE e ALBANESE, 1986, p. 7)²⁴

Em outras palavras, a língua que buscava precisava atender às exigências que, para ele, eram as principais para que ela pudesse ser assumida por todos. Não obstante, ao mesmo tempo, o que o autor considerava por “língua” eram as manifestações literárias das quatorze regiões que enumerou. Como observa Gonçalves, (GONÇALVES, 2011, p. 155-157), a percepção é a de um poeta falando da língua de outros poetas. Os *vulgari* não são exatamente as línguas do povo, mas as línguas que eram utilizadas pelos pensadores nos locais em que o povo falava “diferente”. Estava consolidada a primazia da língua literária que, na unificação linguística, faria com que essa fosse a língua standard.

Não tendo encontrado nenhum vulgar que, saindo da boca de falantes normais, pudesse ser caracterizado como ilustre, cardeal, áulico e curial [estatal], a conclusão a que se chega lendo o *De vulgari eloquentia* é que o vulgar que Dante pretendia para vulgar itálico não existia em outro lugar além dos versos dos poetas por ele apreciados (GONÇALVES, 2011, P. 158)

²³ A palavra que o autor utiliza é “curial”, em referência à organização administrativa da Igreja Católica, a cúria. Por considerarmos que atualmente o termo não compreende o significado da época, preferimos aqui utilizar “estatal”, compreendendo que a escolha pode ser criticável.

²⁴ “Il volgare ideale, per Dante sarebbe "unitario" e organico rispetto alla frantumazione dei dialetti; "illustre", perché può dare gloria illustrando chi lo sappia usare; "cardinale", perché attorno ad esso devono ruotare come attorno a un cardine, tutte le altre parlate municipali; "aulico" perché se l'Italia avesse una corte (=aula) sarebbe il solo degno di essere parlato in essa; "curiale", perché curialità significa la norma dell'agire umano secondo la ragione e la legge quali si attuano nella Curia” (tradução nossa).

Se, por exemplo, na região da atual Bolonha havia uma outra língua, falada pelo povo, então deveria haver ali manifestações artísticas e literárias nessa língua. Esse era o pensamento. São essas as línguas a que Dante se refere quando pensa em uma língua perfeita para a construção da nação, “representativo ao mesmo tempo da união entre a língua e a cultura em toda Itália” (GOMES et al., 2015, p. 3). Para construir a nação, era necessário construir a língua. Para construir a língua, era necessário construir a nação. Uma ideia cíclica, retroalimentada, em que as duas noções, nação e língua, implicavam(-se) mutuamente. O episódio demonstra, materialmente, “a parte que a unidade linguística possuiria na constituição da unidade e da consciência nacional”²⁵ (DE MAURO, 2011, p. 9)

Após levantar a possibilidade de ao menos quatro dos vulgares serem a língua perfeita procurada, Dante chega à conclusão de que o florentino, da região da Toscana, seria o modelo ideal de nova língua literária para a Itália. Retornamos, então, à *Divina Commedia*, escrita pelo autor inteiramente em florentino, lançando a base para que o modelo de Florença passasse a ser o modelo de todos. O pai da língua italiana apresentava ao mundo a sua descendência.

Todavia, podemos nos perguntar: quais poderiam ser os motivos para que a obra pudesse ser aceita amplamente e pudesse se tornar, séculos adiante, a principal obra em língua italiana?

Em primeiro lugar, como demonstramos anteriormente, pelo fato de Dante ter feito uma muito avançada discussão linguística precedente à obra (ECO, 2011), expondo de maneira política, filosófica, linguística e racional os argumentos necessários para sua aceitação. Sua *Commedia* chegava em um ambiente que já poderia recebê-la, por entender sua importância.

Em segundo lugar, pelo fato de Dante estar, política e socialmente, em uma posição privilegiada (GUIMARÃES, 2012). Por ser um político e literato de sua época, estava inserido nos ambientes em que a obra poderia suscitar interesse, leitura e admiração. Mais do que isso, estava em um ambiente em que sua obra poderia circular – relembremos as dificuldades próprias da Idade Média para a circulação e difusão de conhecimento, cenário que entraria em processo de mudança apenas em fins do quattroceto, com a imprensa.

Em terceiro lugar, pela posição de Florença. A cidade era, à época, um importante e prestigiado centro cultural, artístico e intelectual, possuindo significativa importância também nos aspectos políticos e econômicos (GOMES et al., 2015). Geograficamente, ainda, a Toscana –

²⁵ “la parte che l’unità linguistica aveva nel costituirsi dell’unità e della coscienza nazionale” (tradução nossa).

cuja capital era a cidade de Florença, de onde deriva o seu *volgare* florentino – estava centralmente localizada na região itálica. Portanto, Dante estava em um importante local, de onde suas ideias poderiam se irradiar para outras regiões.

E, em quarto lugar, pela proximidade entre o latim e o florentino. Por serem línguas bastante próximas entre si, a aceitação do florentino – e não o bolonhês ou o siciliano, por exemplo, estaria mais facilitada, pela familiaridade que existia entre as duas línguas (SERIANNI, 2015, p. 25-90).

Dessa forma, o florentino de Dante encontra o espaço necessário para que pudesse ser aceito como o vulgar geral dos falantes. De tal modo a *Commedia* e Dante foram importantes para a Itália e

tão grandemente potencializaram a língua italiana que deixaram como herança aos escritores que vieram depois dele um instrumento que permitia falar de tudo, enquanto, como a havia recebido de seus predecessores, era capaz de falar apenas algumas coisas. Foi calculado que 90% do léxico fundamental do italiano em uso hoje (isto é, 90% das 2000 palavras mais frequentes, que constituem 90% daquilo que se diz, se lê ou se escreve todos os dias) estava já na comédia.²⁶ (TAVANI, 1999)

Concretizava-se na Comédia a proposta de Dante iniciada ainda em *Convivio*: a de um *volgare* efetivamente italiano, aceito pelo povo, embora literário. Entretanto, não se poderia dizer do florentino de Dante que fosse realmente uma língua do povo, ao que retornaremos a seguir.

A característica marcante do *Convivio*, que o diferencia de outros tratados medievais, foi o fato de Dante ter utilizado o vulgar florentino ao invés do latim, língua obrigatória naquele tempo para tratar de assuntos

²⁶ “ha talmente potenziato la giovane lingua italiana da lasciare in eredità agli scrittori che sono venuti dopo di lui uno strumento che permetteva di parlare di tutto, mentre, come l’aveva ricevuta lui dai predecessori, era capace di parlare solo di poche cose. È stato calcolato che il 90% del lessico fondamentale dell’italiano in uso oggi (cioè il 90% delle 2000 parole più frequenti, che a loro volta costituiscono il 90% di tutto ciò che si dice, si legge o si scrive ogni giorno) è già nella Commedia” (tradução nossa).

considerados intelectualmente relevantes e elevados como a filosofia, a astronomia e, principalmente, a teologia. A língua vulgar era utilizada quase que unicamente em sua forma oral, ou, para usos específicos, na forma escrita: documentos comerciais, discursos políticos e poemas de amor (ARRIGONI, 2003, p. 29)

O fato é que Dante abriu o caminho para que os *volgari* fossem mais aceitos e comesçassem a fazer parte da vida política da época, embora com a primazia do florentino sobre os demais *volgari*. Se antes ele era desvalorizado, agora começava a ser utilizado também por poetas. Se seu uso era restrito aos ambientes familiares e informais, agora passava às esferas da administração.

Entre o *trecento* e o *cinquecento*, além disso, os *ceti*²⁷ mais cultos, como é conhecido, começaram a usar sempre mais frequentemente nos escritos públicos e privados um idioma pan-italico, o florentino, nas formas fixadas por Dante, Petrarca e Boccaccio, enriquecidas depois, em ambientes humanísticos e de chancelaria, de elementos lexicais e estruturas sintáticas de direta derivação latina²⁸. (DE MAURO, 2011, p. 22)

Assim, pouco a pouco, o florentino ganha espaço e vitalidade, resultado imediato dos esforços de Dante durante o *trecento*. “Mas, na origem da sorte do toscano, havia apenas o prestígio literário conferido a ele pelos três grandes *trecentisti*”²⁹ (DE MAURO, 2011, p. 24)”.

²⁷ Palavra de difícil tradução, que pode ser entendida como o conjunto de pessoas de mesma condição econômica e social. Algumas palavras possíveis seriam camada, classe, casta ou similares, embora todas elas tragam em seu bojo sentidos particulares, não raramente pejorativos.

²⁸ “Fra il trecento e il cinquecento, inoltre, i ceti più colti, come è noto, cominciarono ad usare sempre più spesso nelle scritture pubbliche e private un idioma panitaliano, il fiorentino, nelle forme fissate da Dante, Petrarca e Boccaccio, arricchite poi in ambiente cancelleresco e umanistico, di elementi lessicali e strutture sintattiche di diretta derivazione latina.” (tradução nossa).

²⁹ “Ma all'origine della fortuna del toscano vi furono soltanto il prestigio letterario conferito ad esso dai tre grandi trecentisti” (tradução nossa).

Resultado, ainda, da atuação de Boccaccio. Nascido em Paris, sendo filho de um comerciante de Florença, “é um dos mais versáteis narradores não só do século XIV, mas de todos os tempos”³⁰ (COELHO, 2005, p. 149). Homem culto de sua época, mais um dos literatos que começamos a discutir, Boccaccio será o responsável por dar ao *volgare* dantesco contornos mais exequíveis para a prosa, não apenas para a poesia, como fizera Dante³¹.

Boccaccio é a transição entre Dante e Petrarca. Sendo contemporâneo aos dois – embora Petrarca e Boccaccio fossem bastante jovens quando Dante morreu –, pode transitar por um mundo em mudanças que ia de Dante, um autêntico homem trecentista, a Petrarca, outro trecentista, embora direcionado ao século seguinte. Se Dante era a vanguarda literária de seu tempo em relação quase a toda a humanidade, Petrarca era a vanguarda literária do movimento que se seguiria e se aprofundaria no século seguinte.

[Boccaccio] certamente não era um poeta tão grande quanto Dante, nem um intelectual tão culto, tão complexo e refinado quanto Petrarca, mas certamente era um narrador eficaz, que soube representar com um gênio inigualável o espírito que movia a sociedade de seu tempo de um feudalismo a um mercantilismo³² (COELHO, 2005, p. 149).

Boccaccio sabia acompanhar as mudanças por que passava a sociedade italiana da época, um período de intensa transição social, política, econômica, espiritual e intelectual. Sua obra mais importante, *Il Decamerone*, é um exemplar vivo das mudanças de seu tempo e da abordagem de temas complexos e relativamente desconfortáveis a um homem medieval e religioso. Seus escritos tratavam de morte, adultérios, fornicções, problemas morais do clero, ganância e busca por poder, dentre outros assuntos relevantes.

³⁰ “è uno dei più versatili narratori non solo del XIV secolo, ma di tutti i tempi” (tradução nossa).

³¹ A partir dessa dupla utilização do *volgare*, Pietro Bembo, em inícios do quinhento, fixará uma norma para a língua que perdurará até a unificação.

³² “[Boccaccio] non fu certo un poeta così grande come Dante né un intellettuale così colto, così complesso e così raffinato come il Petrarca, ma fu senz'altro un narratore di razza che seppe rappresentare con impari genialità lo spirito che muoveva la società tra feudale e mercantile del suo tempo” (tradução nossa).

É uma obra densa, repleta de críticas sociais, seguindo o estilo das obras de Dante, ainda que o autor estivesse em contato direto com Petrarca. “A relação que manteve Boccaccio diretamente em contato com a obra de Dante não foi alterada nem mesmo pela convicta participação de Boccaccio no programa humanístico de seu contemporâneo Petrarca” (ARRIGONI, 2003, p. 36).

Em Boccaccio, não podem deixar de ser considerados os seguintes pontos que modificaram a estrutura da sociedade medieval: as mudanças sociais e econômicas, o avanço das inovações técnicas, a crise espiritual e organizativa de sua sociedade – que havia sido atingida pela peste – e a nova visão sobre o homem e a própria sociedade em si – *Il Decamerone* se passa em uma vila fictícia que passaria a ser uma microcélula da sociedade, já marcada pelos ideais humanistas.

Boccaccio já se julga humanista. Mas, quando pretende tratar um assunto clássico, uma lenda à maneira das metamorfoses ovidiana, então o *Ninfale fiesolano*³³ sai todo italianizado, passando-se na paisagem encantadora em torno de Florença. (CARPEAUX, 2012, p. 149)

A mesma Florença que o autor iria elevar aos altos postos com sua obra. “*Il Decamerone* de Giovanni Boccaccio é um formidável enriquecedor das estruturas sintáticas, que modela em imitação do latim e aprofunda em relação à prosa anterior”³⁴ (CELLA, 2015, p. 40). Boccaccio, portanto, dará ao *volgare* de Dante aquilo que nem o próprio Dante deu-lhe: a estrutura da prosa.

4. Considerações finais

O quadro que traçamos demonstra a importância do *trecento*, século XIV, na constituição futura da língua italiana e na unificação do território. Com intensa atividade política e literária de diferentes intelectuais, com destaque maior para Dante, o período foi fundamental para os futuros

³³ Poema de Boccaccio com o qual encerra *Il Decamerone*.

³⁴ “Di contro, il Decameron di Giovanni Boccaccio è un formidabile arricchitore delle strutture sintattiche, che modella ad imitazione del latino e complica rispetto alla prosa precedente.” (tradução nossa).

rumos da nação. Compreender a época é, portanto, essencial para compreender a História da Língua italiana.

Do recorte histórico, como discutido em nosso texto, emerge uma situação de profundo contato linguístico entre os *volgari* da região itálica e a atuação de Dante Alighieri, primordialmente, para a construção teórica de um projeto de língua que perpassasse toda a futura Itália e construísse as bases para que houvesse, de maneira conjunta com a unificação linguística, uma unificação político-territorial.

Referências bibliográficas

ALBANESE, Carolina M.; ALBANESE, Luciana (1986). La questione della lingua italiana attraverso i secoli. Revista Letras – Curitiba, UFPR.

ANDERSEN, Benedito. Comunidades Imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ALIGHIERI, Dante (1986). De vulgari eloquentia. Torino: UTET.

ARRIGONI, Maria Teresa (2003). Dante, Petrarca, Boccaccio e a tradução. Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, v. VIII, p. 29-39.

AVOLIO, Francesco (2017). Lingue e dialetti d'Italia. Roma: Carocci Editore.

BAGNO, Marcos de A. (2017). Dicionário Crítico de Sociolinguística. São Paulo: Parábola

_____ (2011). O que é uma língua? Imaginário, Ciência e Hipóstase. In: LAGARES, X.; BAGNO, Marcos de A. (2011). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola.

BALBONI, P. E (2002). Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse. UTET Libreria. Itália, Torino.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2019.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BERRUTTO, Gaetano (2018). Contatto Linguistico. *Enciclopedia Treccani dell'Italiano* - <http://migre.me/w2Jq3> - Acesso em 02/05/2019 às 11h39min.

BRITO, Emanuel França de (2018). Da prosa latina ao vulgare: o nascimento de uma identidade linguística para além a poesia. *Revista de Italianística da USP*, v. 37, p. 87-94. Disponível em www.revistas.usp.br/italianistica/article/download/155653/151352/ - acesso em 13/06/2019 às 20h28.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997

CARPEAUX, Otto Maria (2012). *A Idade Média por Carpeaux*. Rio de Janeiro: Leya

CASTAGNOLA, Luigi (1961). Primeiro milênio da língua italiana. *Revista Letras*, v. 12. Disponível em <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19890> - acesso em 14/11/2018, às 17h22.

CELLA, Roberto (2015). *Storia dell'italiano*. Il Mulino: Bologna/Italia.

COELHO, Flora Simonetti (2005). *Antologia della letteratura italiana – Dalle origini al quattrocento*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação editorial.

DE MAURO, Tullio (2011). *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza.

DANIEL-ROPS (2014). *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante.

ECO, Umberto (2001). *Em busca da língua perfeita*. Bauru: EDUSC.

FARACO, C. A (2016). História sociopolítica da língua portuguesa. São Paulo: Parábola Editorial.

FENELON, D. R.. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. REVISTA PROJETO HISTÓRIA, SÃO PAULO/SP, v. 10, p. 73-90, 1994

GOMES, Andrea C. de S.; et ali (2015). A história da língua italiana e sua escolha dentre tantas possibilidades. Revista Linguasagem, v. 22, n. 1.

GONÇALVES, Patrícia A (2011). De babel a pandora: crise, cultura e identidade no multilinguismo italiano. In: XÓAN Lagares & MARCOS Bagno. (Org.). Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial.

GUIMARÃES, M (2012). O pensamento político de Dante Alighieri à luz da Filosofia Escolástica. 165f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Maringá.

HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. Prefácio. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Introdução à historiografia da linguística. São Paulo: Cortez, 2013

HICKEY, Raymond (2013). The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell.

ILARI, Rodolfo (2018). Linguística Românica. São Paulo: Contexto.

JANSON, Tore (2015). A história das línguas: uma introdução. São Paulo: Parábola Editorial.

LAGARES, X. C (2011). Continuidades e rupturas linguísticas na Península Ibérica. Revista da ABRALIN, v. Espec., p. 123-151.

LAGARES, X. C.; BAGNO, Marcos de A. (2011). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola.

LANUZZA, Stefano (1994). Storia della lingua italiana. Roma: Tascabili Economici Newton.

LE GOFF, JACQUES (1980). Para Um Novo Conceito de Idade Média. Lisboa: Editorial Estampa.

MARAZZINI, Claudio (2012). La lingua italiana – profilo storico. Bologna: Il Mulino.

MIGLIORINI, Bruno (2016). Storia della lingua italiana. Milano/Italia: Tascabili.

MUFWENE, Salikoko (2001). The Ecology of language evolution. Cambridge: Cambridge University Press.

SERIANNI, Luca (2015). Prima lezione di storia della lingua italiana. Roma: Laterza.

SILVA, J. E. N.; GULLO, A.; GENOVA, L (2018). de. La realtà linguistica dell'Italia nei libri didattici di italiano per stranieri: tra silenziamenti e omogeneità, la prevalenza dell'italiano standard. In: Jefferson Evaristo do Nascimento Silva et al. (Org.). Línguas e Culturas: Contatos, Conflitos, Nomadismos. 1ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, v. 1, p. 51-68.

TAVANI, Giuseppe (1999). O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”. In MALEVAL, Maria do A. T. Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. UERJ: Rio de Janeiro.

THOMASON, Sara Grey (2001). Language Contact. Edinburgh: University Press.

TRIFONE, Pietro (2010). Storia linguistica dell'Italia disunita. Bologna: Il Mulino.

VEYNE, Paul (2009). O império greco-romano. Rio de Janeiro: Elsevier.